

**Arquivo
quer público**

DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO III Nº 25/26
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

CONTRATO Nº 3956791
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

IMPRESSO



**Belém é
saudade**



**O mundo
e os
fins de
Cardoso**



**Os
versos
de
Quintina**



**As histórias
de Tereza**



**Samba
malandro**

Reviver Formosa



MARIA JOSÉ MANINHA
(PT)

O Brasil não é um país sem memória. É um país que não se preocupa em resgatar, preservar e divulgar a sua memória. No momento em que a imprensa brasileira resgata e torna pública a verdadeira história da Guerrilha do Araguaia, torna-se muito mais valioso o acervo da ditadura militar do DF, que conseguimos transferir da Secretaria de Segurança para o Arquivo Público. Com isso, preservamos um importante momento da nossa história, mas é preciso popularizar o acervo, para que não se apague da nossa memória a saga dos que morreram pela democracia e dos que mataram pela ditadura.



DANIEL MARQUES
(PMDB)

Há onze anos, com cuidado especial, a memória cultural de Brasília vem sendo preservada. São registros e mais registros de uma veloz e curiosa história que o Arquivo Público do DF protege a sete chaves. Nas suas estantes recolhe, preserva e garante proteção especial a documentos arquivísticos de valor permanente, produzidos e acumulados por toda sociedade para enriquecer o movimento cultural da cidade. Em sua linha de acervo, também não deixa de incluir arquivos privados de grande significado para a história cultural de Brasília.



A memória perdida...

□ Chico Nóbrega

Formosa fica a um pulinho de Brasília. Pouco mais de 80 km a separam da capital do País. Essa aparente proximidade se perde em cerca de 200 anos de história entre a fundação de uma e outra cidade.

Para quem mora em Brasília, acostumado com a arquitetura moderna, dominada por linhas retas que cortam o espaço, soltas, em todas as direções, inspiradas nas pranchetas criadoras de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, a chegada a Formosa é um choque, mas também um bálsamo para os nossos olhos cansados de modernidade. A aparente profusão de formas arquitetônicas das construções e o traçado das ruas nos fazem bem, trazem recordações de outras tantas cidadezinhas bem brasileiras que guardamos com carinho em nossas recordações de infância.

Praças e árvores centenárias. As casas já não são tão centenárias. Não existem mais aqueles casarões cheios de histórias e fantasmas. Eles deram lugar às novas construções mais moder-

nas ou modernas. Os menos saudosistas diriam: "É a marcha do progresso!" Talvez.

Chegamos perto do meio-dia. Fomos para a Praça da Igreja Matriz. Entre árvores e bancos, os alunos das várias escolas das proximidades se reuniam em grupos alegres, próprios da adolescência, tais como um bando de pardais em fins de tarde. Talvez a maioria não saiba nem o nome da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Conceição, que empresta o nome à Igreja Matriz.

Para nossa surpresa, a prefeitura só funciona após as 12 horas. Coisas do Brasil. Na Secretaria Municipal de Cultura conseguimos algumas informações turísticas da cidade. Ficamos a imaginar onde encontraríamos a memória histórica e cultural de Formosa. Depois de muito indagar descobrimos que chegamos tarde. A memória da cidade era viva e havia falecido pelo menos há dez anos. O historiador e filósofo Sinval Gonçalves de Oliveira fez de tudo em vida para preservar a memória da cidade, mas em vão.

Contam alguns moradores que depois de reunir uma grande quantidade de documentos e outros registros históricos, o Dr. Sinval queria que a sua casa fosse transformada em um museu após a sua morte. Segundo esses mesmos moradores, após a sua morte a família demoliu a casa por temer que a prefeitura tombasse o casarão, e toda aquela documentação se perdeu. Hoje o local da antiga casa do Dr. Sinval é um terreno baldio, feio e sujo.

Para uma cidade que não tem arquivo público, cinema, teatro e apenas uma biblioteca municipal doada pelo Lions Club e não conta mais com o trabalho exemplar de Dr. Sinval, nada se pode esperar em favor da preservação de sua memória cultural e histórica. Mas com certeza a cidade dispõe de nove agências bancárias, centenas de antenas parabólicas e milhares de antenas de televisão nas casas, não tão centenárias e cada vez menos casarões. E a memória da cidade ficou em algum lugar do passado.